



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

O Nordeste brasileiro e a II Guerra Mundial

Liliane Costa Andrade¹

Passados mais de 80 anos, a II Guerra Mundial (1939-1945) continua sendo um tema que suscita diversas produções: filmes, músicas, literatura, pesquisas acadêmicas. A gravidade e a proporção que o conflito alcançou, certamente contribuem para isso. Trata-se de uma das maiores guerras da história da humanidade, que envolveu, direta ou indiretamente, dezenas de países, dentre eles o Brasil. Em meio ao cenário historiográfico brasileiro, surgem rotineiramente relevantes obras – fruto de pesquisas de fôlego sobre o assunto –, acerca do envolvimento do Brasil durante a II Guerra. Uma recente iniciativa nesse sentido é a coletânea organizada por Flávia de Sá Pedreira, “Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial”, que reúne textos de diferentes historiadores com um objetivo em comum: discutir os impactos do conflito nos estados nordestinos, bem como a importância dessa região perante o esforço de guerra necessário para a vitória dos Aliados.

A primeira edição do livro, composta por 14 capítulos, foi lançada em 2019 pela LCTE Editora. Em fevereiro de 2021 a produção ganhou uma segunda edição, revisada e ampliada, lançada pela Ideia Editora, contando com 16 capítulos, sendo o primeiro deles “Aracaju amedrontada: a ação dos U-507 da costa sergipana (1942), de Luiz Cruz e Lina de Aras, que objetivam compreender qual era a realidade de Aracaju diante dos ataques aos navios mercantes brasileiros entre Sergipe e Bahia, acontecimento que serviu de estopim para que o Brasil declarasse guerra ao Eixo.

De Aracaju, partimos para Fortaleza, cidade que abrigou bases aéreas norte-americanas durante a Guerra, tema abordado por Antonio Silva e Filho. Dividido em duas partes, o texto examina as mudanças ocorridas no cotidiano da cidade com a chegada dos soldados americanos, bem como devido ao receio de possíveis ataques aéreos cometidos pelas potências do Eixo. Dentre essas potências, a Alemanha é o foco do terceiro capítulo, mais especificamente no que diz respeito à atuação da sua espionagem em Pernambuco. O assunto é analisado por Juliana Leite, num texto que ressalta a importância do Recife perante a Batalha do Atlântico.

No capítulo seguinte, Luana Carvalho dedica-se a analisar as dificuldades das classes maisdesfavorecidas para enfrentar o custo de vida em Salvador, um problema que já vinha ocorrendo devido a questões como o aumento demográfico, o alto índice de desemprego e a carestia nos produtos alimentícios, mas que se acentuou com a eclosão do conflito mundial. Já Clarice Lira analisa o processo de mobilização no Piauí, em especial na capital Teresina, após a entrada do Brasil na guerra, discutindo questões como os treinamentos da população para possíveis ataques aéreos; a atuação da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência (LBA) na assistência às famílias dos soldados e a pessoas em situação de vulnerabilidade social; além do trabalho desenvolvido pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) no recrutamento de mão-de-obra para atuar na produção da goma de fazer borracha, material essencial no conflito bélico.

As mudanças urbanísticas da cidade de Natal em decorrência da II Guerra são o assunto do sexto capítulo, escrito por Anna Gabriella Cordeiro, no qual a autora faz uma análise sobre o caso do bairro da Ribeira, que perdeu o status de grande centro da capital potiguar durante o

conflito, pois não conseguiu expandir-se de forma a atender o novo ritmo imposto pelas necessidades da cidade, que abrigou um base aérea e uma base naval norte-americana. Por sua vez, utilizando-se do jornal *A União* como fonte principal, Daviana da Silva examina a busca pela construção de um sentimento de “paraibanidade” entre a população da Paraíba, diante da necessidade de incentivar e ensinar essas pessoas sobre a importância de união em prol da vitória do Brasil na II Guerra. A seguir, Dilton Maynard analisa as consequências dos torpedeamentos aos navios mercantes brasileiros no cotidiano de Aracaju, entre 1942 e 1945. As dificuldades enfrentadas pelos sobreviventes, o perfil das vítimas, a conduta desonesta de alguns cidadãos e a reação popular após os ataques são alguns pontos abordados pelo autor, que demonstra as dificuldades enfrentadas pela cidade diante do episódio que chegou a ser definido como o “Pearl Harbor brasileiro”.

A Rádio Clube de Pernambuco é o objeto de estudo do capítulo escrito por Armando Siqueira, que investiga como o contexto da II Guerra afetou a emissora, devido à censura imposta pelo DIP e pelo DEIP, e à influência norte-americana na PRA8, que iniciou-se ainda no período de neutralidade brasileira, e se intensificou após a entrada do país do conflito, levando ao que o autor denomina de “americanização”. E por falar em influência norte-americana, Raquel Silva aborda, a seguir, a política pan-americanista em Salvador, analisando a fundação do Sub-Comitê do OCIAA – órgão estadunidense responsável por promover uma interação cultural e econômica dos EUA com os países latino-americanos – na cidade, e a atuação dos jornais locais para divulgar e propagandear o pan-americanismo aos baianos, bem como ressaltar a sua importância tanto para o Brasil como para o continente americano.

Na sequência, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) é o assunto tratado em *Memórias de um veterano norte-rio-grandense da Força Expedicionária Brasileira (FEB)*, escrito por Luiz Costa. Apoiado na História Oral e no conceito de memória, o autor estuda a atuação do veterano Severino Gomes de Souza, que integrou na FEB como 3º sargento e participou das batalhas travadas em Monte Castelo contra os combatentes do Eixo. Após apresentar um breve apanhado de São Luiz, tocando em pontos como população, economia e meios de transporte, Osias Filho se debruça sobre as consequências trazidas à capital maranhense no período de 1939 a 1945, dentre as quais estão o racionamento de produtos como a gasolina; a repressão a descendentes do Eixo; os exercícios de defesa em caso de ataques aéreos; os boatos de que Hitler havia sido visto em um submarino no Maranhão; e a instalação de uma base aeronaval na cidade.

Em seguida, Sérgio Conceição trata como a II Guerra influenciou Alagoas, examinando as consequências da III Reunião dos Chanceleres americanos em mudanças urbanísticas que facilitavam o transporte de pessoas e mercadorias, como também acerca da mobilização em prol da produção de borracha; as alterações que o contexto de guerra na vida cultural e as mudanças no cotidiano dos alagoanos que viviam no litoral e passaram a integrar, junto a Marinha do Brasil, o esforço na defesa litorânea diante da ameaça de possíveis ataques de submarinos do Eixo.

No capítulo seguinte, Flávia Pedreira analisa o posicionamento de intelectuais do período, especialmente Câmara Cascudo, frente às mudanças no cotidiano da população potiguar, decorrentes do estabelecimento de *Parnamirim Field*, considerada a maior base aérea norte-americana instalada no Brasil, e que também ficou conhecida como *Trampolim da Vitória*. No penúltimo texto, João Saraiva apresenta uma análise detalhada de como o Nordeste brasileiro foi apresentado em publicações *The New York Times*, jornal estadunidense que buscava enfatizar a importância da região diante do conflito: por um lado, tratava-se de um local estratégico para a defesa do hemisfério ocidental; por outro, o Nordeste do Brasil,

especialmente a cidade de Natal, colocava-se como ponto crucial na luta contra as tropas do Eixo alocadas na África.

Encerrando a obra, voltamos a Pernambuco, onde Manoel da Fonseca examina como o cotidiano do Recife foi afetado com a chegada de soldados estadunidenses, devido à presença de uma base naval americana na cidade. A partir de fontes variadas, desde jornais a processos criminais, o autor trava uma discussão sobre o uso do porto do Recife por comboios aliados; sobre crimes e conflitos que envolveram americanos, a exemplo da morte de um civil brasileiro cometida por um marinheiro americano; e sobre locais recreativos utilizados pelas tropas, como os clubes *U.S.O Town Club* e *U.S.O Beach Club*.

Além da importância que representa para historiografia nacional, há de se destacar a originalidade do livro “Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial”, à medida em que contempla todos os Estados da região, tão estratégica no período. A relevância desse espaço geográfico é evidenciada em determinados capítulos, especialmente no que refere a instalação de bases aéreas e navais norte-americanas. Além disso, a mobilização em prol do esforço de guerra pôde ser observada em diferentes localidades.

Um outro ponto evidenciado pela obra é que nem só de batalhas se fez a II Guerra. As dificuldades cotidianas enfrentadas pelas populações dos Estados nordestinos, como o racionamento de produtos, o aumento do custo de vida e o receio de possíveis ataques, nos dão uma noção da abrangência daquele conflito, que trouxe consequências das mais variadas formas. Por fim, cabe mencionar que o ataque sofrido entre Bahia e Sergipe serviu de estopim para a entrada do Brasil na Guerra, e tornou esses locais os únicos do continente americano que sentiram os efeitos da beligerância.

Apesar de algumas semelhanças, cada estado lidou de maneira particular com o conflito. E essas diferentes histórias foram reunidas numa obra que, diante das potencialidades apontadas, é indicada a pesquisadores da II Guerra, a professores de História, e a todas as pessoas que interessem por essa temática que tanto mobiliza estudiosos e tanto ainda tem a nos dizer.

Notas:

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestra em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), com bolsa CAPES. Orientador: Dr. Dilton Cândido Santos Maynard. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: liliane@getempo.org.

Referência Bibliográfica

PEDREIRA, Flávia de Sá. (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. 2ª ed. Paraíba: Ideia Editora, 2021.